UMA JANELA
SOBRE A COMUNICAÇÃO

TALVEZ SEJA TEMPO DE
"NEW NEW JORNALISMO"

Numa ilha perdida do Oceano, no longínquo 1914, viviam juntos alguns ingleses, franceses e alemães. A ilha não estava em condição de receber telegramas e somente a cada dois meses recebiam um carteiro inglês Em setembro daquele ano os habitantes, enquanto aguardavam a chegada do navio, discutiam ainda os fatos relatados no último jornal que haviam recebido: o processo eminente de Henriette Caillot pela morte de Gaston Calmette, o diretor do Figaro. Henriette era a mulher do então ministro das finanças francesas, exasperada pela campanha escrita, orquestrada nos confrontos do marido. Foi, portanto, com uma impaciência incomum que a colônia inteira se reuniu junto ao porto, numa manhã de meados de setembro para ouvir a sentença do capitão da guarda. Souberam, que há mais de seis semanas, os que eram de nacionalidade inglesa, junto aos de nacionalidade francesa, encontravam-se em guerra com os de nacionalidade alemã. Durante aquelas seis semanas, haviam-se comportado, reciprocamente como amigos, quando, na realidade já eram inimigos.

É com esta narrativa que o jornalista americano Walter Lippman encaminhava, na primeira metade do século passado, a sua reflexão sobre a importância da informação na criação da opinião pública. E o jornalismo, que da notícia era megafone e comentário, assumia um papel sempre crescente no processo de edificação social. Diante dos desafios lançados pelos novos meios de comunicação social parece-nos que hoje o papel impresso esteja numa fase de transição. Se realmente continua fundamental o trabalho informativo dos MCS tradicionais como a televisão e a rádio – basta pensar à corrida compulsiva de muitos candidatos às campanhas eleitorais para garantir-se uma aparição na TV – aparece significativamente o número dos leitores dos jornais que abandonam a banca para buscar as notícias nas Redes. Mas, de fato, esta tendência pode confirmar a superação do jornalismo tradicional? Ou talvez, poderia oferecer a oportunidade de repensar a profissão, tomando novas direções?

Ao longo da história, muitas vezes, a narração no papel impresso, caracterizou momentos de grandes novidades, quando teve a capacidade de escutar os tempos e de mudar com eles. Na década dos anos sessenta, numa América marcada pela presidência de J. F. Kennedy e sacudida pelas revoltas juvenis, dos filhos das flores e das manifestações contra a guerra do Vietnam, ganha vida uma nova forma de jornalismo que se interessa pelo estudo de formas de escritura híbrida que combinam técnicas de ficção típicas da literatura e capacidade de observação detalhada própria da crônica.

É o alvorecer do “new jornalismo”: com uma explosiva força inovadora e uma capacidade inata de envolver o leitor, este novo jornalismo rompe com as regras tradicionais da imparcialidade e dos escritos equilibrados para contar histórias através dos olhos dos personagens que os animam.

E, embora atravesse o céu da imprensa nacional e externa como um meteorito, será capaz de traçar uma tendência que ainda hoje caracteriza um modo de fazer jornalismo. Entre os maiores representantes desta nova corrente, Truman Capote é, sem dúvida, um dos autores mais apreciados e o seu romance A sangue frio cabe-lhe um título que deveria encontrar espaço na biblioteca de cada jornalista e comunicador. Para responder, também na era digital dos quentes MCS e dos falantes das Redes, o desafio lançado ao papel impresso.

Riccardo Benotti